Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

A LINGUAGEM DO VÍDEO NA EDUCAÇÃO PELAS ARTES VISUAIS

LACERDA, Leila de Lourdes Sanches

RESUMO

O estado de alheamento dos estudantes em relação à cultura local gerou em mim uma certa preocupação enquanto educadora. Talvez pelo poder das comunicações televisivas e, de um modo geral, da indústria cultural, atualmente os estudantes estejam ligados menos à vida real do que à virtual. Essas influências, às vezes, incompreensíveis devido ao pouco tempo de reflexão que dispomos, têm alterado o cotidiano da escola. Diante disso, o objetivo geral deste projeto foi valorizar aspectos culturais de Apucarana por meio da prática de vídeos feitos por um grupo de alunos do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont. O público alvo vem de esferas culturais diferenciadas devido a instituição escolar abrigar várias regiões da cidade. Após a gravação dos vídeos por parte dos alunos, acreditamos que as manifestações sócio-culturais interferiram na maneira como esses alunos veem a cidade. Os vídeos criados pelos alunos foram apresentados, discutidos e analisados e temos a convicção de que serviram de ponte para a construção de conhecimento e potencialização do olhar sensível e crítico de cada participante, modificando o interesse e à visão dos alunos relacionada ao meio em que vivem, passando eles a olharem a cidade de maneira crítica e artística.

Palavras-chave: Cidade, Sensibilidade, Criticidade, Arte.

I. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo demonstrar os resultados do trabalho desenvolvido no PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, cujo qual trata a linguagem do vídeo na educação pelas artes visuais uma vez que identifica os aspectos sociais e culturais que caracterizam os alunos pertencentes ao Colégio Estadual Alberto Santos Dumont. O projeto ocorreu em oito encontros, onde os participantes aprenderam os conceitos de cidade, cultura visual, percepção e flanar. Puderam ainda demonstrar suas habilidades ao gravarem um vídeo do caminho de casa à escola, com isso aprenderam a editar som e imagem nos vídeos além de utilizar o recurso *movie-maker.*

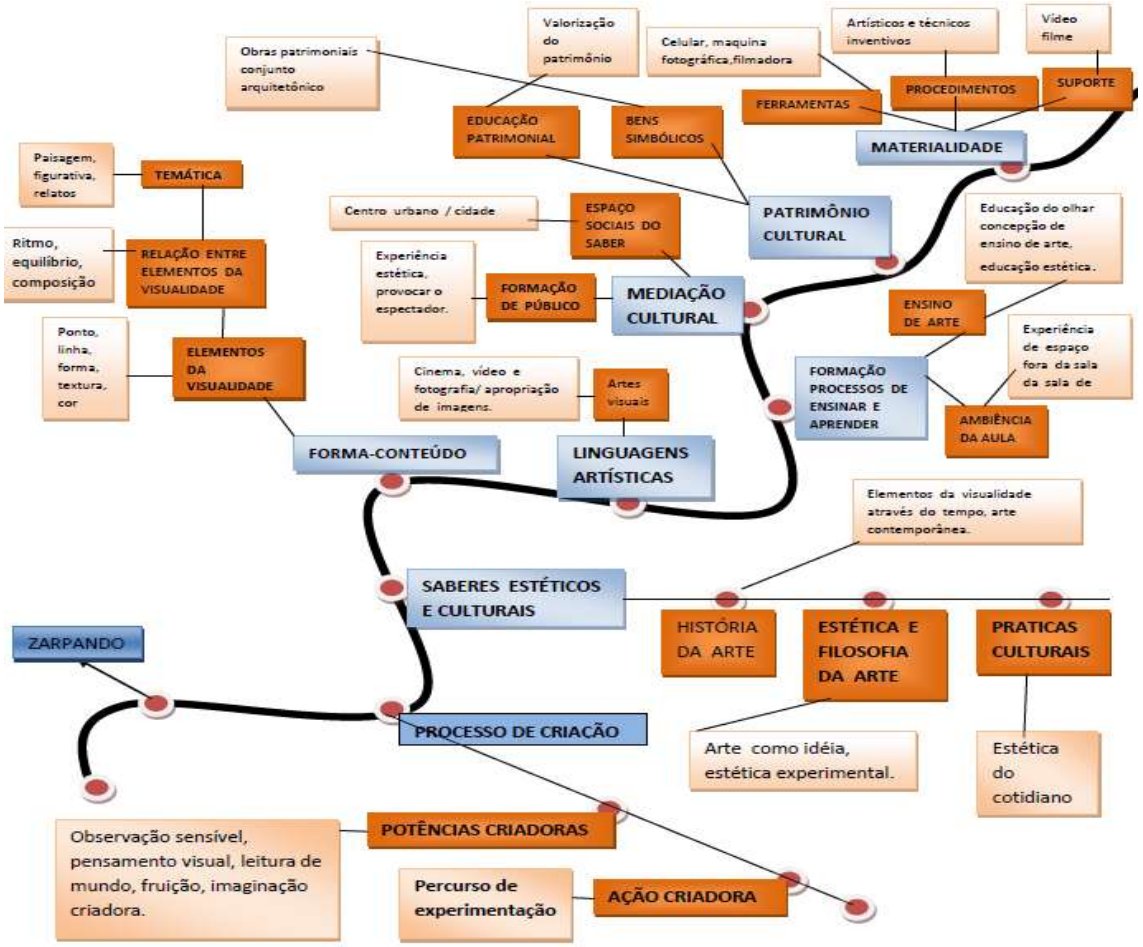
O estado de alheamento dos estudantes em relação à cultura local tem nos preocupado enquanto educadores. Talvez pelo poder das comunicações televisivas e, de um modo geral, da indústria cultural, os estudantes estejam ligados menos à vida real do que à virtual. O cotidiano da cidade parece estar perdendo em importância para os estudantes da escola onde atuo e acredito que esta pode ser a situação. Essas influências, às vezes, incompreensíveis devido ao pouco tempo de reflexão que dispomos, têm alterado o cotidiano da escola.

A possibilidade de utilizar análise de filmes criados pelos próprios alunos propõe que o cinema seja mediador na construção de conhecimento, e ajude a desenvolver a criatividade artística e intelectual, priorizando a construção de um olhar crítico e sensível onde o aluno irá construir um novo saber, num exercício reflexivo de seu olhar sobre a cidade de Apucarana-PR, ampliando sua experiência estética, trabalhando o conceito de cidade, cultura visual e a importância do seu olhar diferenciado sobre o meio ao qual está inserido. A experiência de colher imagens em vídeos da cidade, dos caminhos que eles percorrem, por exemplo, da casa até a escola e a edição destas, justificam os métodos a serem adotados para valorizar e tornar consciente a importância do sítio urbano onde residem.

A escola deve proporcionar aos alunos a observação da cidade como um espaço investigativo, cultural, sendo considerado um lugar de encontros e descobertas. A motivação, a proposta a ser seguida, o despertar da curiosidade, aprimora o que o discente já conhece sobre o tema, valorizando tudo o que ele poderá conhecer. A ideia foi estimular os alunos a pesquisar sobre o tema e indicar a eles diferentes recursos para utilizar no trabalho.

No primeiro semestre de 2014 foi realizado um curso de capacitação *online*, o GTR – Grupo de Trabalho em Rede, onde o mesmo abordou a temática, bem como a socialização do Projeto de Intervenção Pedagógica, oportunizando interação entre os participantes e sugestões de melhoria no processo.

2. Vidilhando através de Rizoma



PROFESSORA PDE – UEL - LONDRINA

LEILA DE LOURDES SANCHES LACERDA

3. Conceito de Cidade

Para os fins desta pesquisa, utilizamos como principal referencial teórico, Fernando Hernández. O autor de vários trabalhos intelectuais na temática artística, pensa na imagem para a compreensão da cultura visual e uma reformulação curricular que a contemple. Acredita que os projetos vão além dos limites curriculares. Sendo assim, o autor indaga que os projetos:

> Implicam a realização de atividades práticas; os temas selecionados são apropriados aos interesses e ao estágio de desenvolvimento dos alunos; realizam-se experiências de primeira mão, como visitas, a presença de convidados na sala de aula; deve retratar algum tipo de pesquisa; trabalhar estratégias de busca, organização e estudo de diferentes fontes de informação; implicam atividades individuais, grupais e de classe, em relação às diferentes habilidades e conceitos que são aprendidos (HERNÁNDEZ, 2000 p.181).

Vista como a interferência mais abrangente do ser humano no ambiente, a cidade pode ser entendida como síntese da civilização, cujo modo e qualidade de vida atinge não apenas sua estrutura, mas sua influência ao redor do mundo urbano ultrapassando fronteiras. Além de habitat a cidade é o lugar onde o ser vivente pode melhor desempenhar sua intelectualidade, suas atividades em grupos sociais, ampliando a diversidade e a liberdade. Ao mesmo tempo em que promove a democracia e civilização, a cidade tem a tarefa de formar espaços amigáveis onde os conflitos possam ser resolvidos de forma sadia e sustentável. É definida também como área urbana onde ocorrem atividades de cunho comercial, industrial, cultural onde com a convivência, as pessoas constroem e se auto constroem (BRAGA; CARVALHO, 2013).

> *"A cidade. Os modernos quase que completamente esqueceram o verdadeiro sentido desta palavra: a maior parte confunde as construções materiais de uma cidade com a própria cidade e o habitante da cidade com um cidadão. Eles não sabem que as casas constituem a parte material, mas que a verdadeira cidade é formada por cidadãos."*
>
> Jean-Jacques Rousseau - O Contrato Social

4. Cultura Visual

O estudo e descrição dos povos, com suas raças, línguas e cultura, dão origem ao que chamamos de etnografia. O ambiente escolar proporciona uma miscelânea tão diversificada que não há ambiente mais favorável para a aplicação deste projeto. Se tratando de cultura, podemos citar a obra de Dominique Julia no que tange a construção da cultura escolar, que indaga:

> [...] a escola cria, propaga e repercute um modelo cultural cujo *habitus* combina tradições do mundo clerical com tradições cívicas [...] a escola estabelece, reproduz e perpetua tradições: tudo ao mesmo tempo; e, mesmo assim, ao longo de gerações [...] a situação da cultura escolar enfrenta e incorpora simultaneamente outras culturas, expressas pelo impacto dos meios de comunicação de massa, pela família, além de, especialmente, pelo que se tem hoje caracterizado como cultura juvenil (BOTO, 2003 p. 384).

Acredita-se que as manifestações sócio-culturais interfiram na maneira como esses alunos veem a cidade. Segundo Dayrell (2013) ver os alunos como participantes de um espaço sócio-cultural denota compreendê-los sob esferas que levam em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se habitual, levado a efeito em relação ao gênero, ao grau de instrução, etnia, adultos e adolescentes, educadores e educandos, seres humanos concretos, sujeitos sociais, ou seja, que possuem uma história, uma visão de mundo e atuam historicamente. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Uma cultura visual existe ao mesmo tempo dentro e fora de cada um, aproveitar elementos do meio urbano desenvolve a percepção do ambiente, as habilidades adquiridas ajudam o aluno a considerar o meio como elemento de cultura. (HERNÁNDEZ, 2000). A cultura concerne nas diferentes formas de expressões das pessoas. A partir daí a cidade é vista como intensa, dinâmica, e traz consigo um contexto histórico construído pelos sujeitos que nela habitam ou já habitaram. É uma junção de “valores, usos, hábitos, crenças, que narram uma história” (GUIMARÃES, CAMPELLO, 2010).

Diferentes profissionais e classes sociais. São dois dos pontos básicos que fazem com que a cidade adquira uma identidade própria e, assim, acabem

por diferir-se culturalmente. Muitas vezes, com a correria do dia-a-dia não prestamos atenção aos sons que permeiam a cidade. (GUIMARÃES, CAMPELLO, 2010).

> Vivemos, fazemos parte da cultura visual e [...] estamos inundados por uma extraordinária variedade de imagens e, sobretudo, de imaginários visuais. Essa forma de aproximação dos objetos visuais implica colocar num segundo plano a crença de que o valor estético dependa de uma resposta universal e que esta resposta esteja representada pelos membros mais "sofisticados" da nossa comunidade (HERNÁNDEZ, 2000, P. 133).

Independente de sua classe social, o indivíduo possui participação ativa no meio ao qual está inserido, apesar de muitas vezes não ter consciência disso. Mesmo as classes menos favorecidas são abastadas de cultura, seja ela visual ou estética. Por exemplo: morar em um local muito desfavorecido socialmente, mas, ao mesmo tempo, estar inserido no meio de uma das paisagens mais bonitas da cidade.

> Orson Welles tratava do cinema como sendo uma fita de sonhos,[...] já Tarkóvski, referia-se a ele como uma arte onírica. [...] Jean-Patrick Machette diz que o cinema são as idéias visíveis. Manuel de Oliveira define o cinema como uma saturação de signos magníficos que se banham na luz de sua ausência de explicação (XAVIER, 2008 p.18).

A imagem visual aparece em grande destaque na vida das pessoas, estão a todo instante sendo apresentadas e reapresentadas ocupando um grande espaço midiático. É importante ver e analisar a imagem valorizando o que se herda culturalmente, sendo o sujeito consciente de que participou enquanto a utilizou e a construiu. Meios tradicionais e contemporâneos devem ser experimentados para que se desenvolva o pensamento crítico a fim de que se consiga analisar a imagem de forma que se consiga atribuir um significado à ela. (BARBOSA, 2002). As produções de vídeo configuram-se como linguagem essencialmente atual com influência direta e indireta onde:

> Pensar a imagem fílmica como um dispositivo, que pode nos levar a sentir e tocar-nos de modo a fazer com que construamo-nos de maneiras diferenciadas sempre, agregando novos sentidos, posicionamentos e alterando nossas visões de mundo, conforme somos afetados pelo que vemos e pelas relações construídas a partir do visto. Ou seja, busca responder à pergunta de como nos tornamos *bricoleurs* em nosso cotidiano, recortando, rasgando, agregando,

> somando, subtraindo e sobrepondo imagens que acabam por fim dizendo muito a respeito de nós (ROSA, OLIVEIRA, 2009 p.7082).

As imagens captadas por vídeo ampliam o campo de visão, assim, podem ser problematizadas e ponderadas segundo as conseqüências do que, ao serem vistas, provocarão naquele que as viu. As imagens estabelecem diálogo entre o visto nos filmes e o visto em nossas vidas (ROSA, OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Xavier (2008) a relação entre cinema e educação, nos faz pensar não somente sobre o cinema em si, mas como um todo, sobretudo, do que ele coloca em foco. “O cinema incorpora uma dimensão formadora de várias formas de arte que cumprem um papel decisivo na educação”. A questão não é só passar conteúdos, mas também promover transformação no pensar.

Essa experimentação abre a possibilidade de se ver a arte além da disciplina. Por isso, segundo Kincheloe (1997) o acesso público ao conhecimento nas instituições de ensino e na sociedade deve ser tido como principal pois, “se o conhecimento é uma forma de capital cultural, então a falta de acesso a ele cria os maiores problemas para aqueles que estão nas margens da cultura do conhecimento” (KINCHELOE, 1997, p. 187).

Jonh Dewey (2010) outrora, indagou que cada indivíduo possui de maneira diferenciada uma percepção, por isso sua manifestação cultural se torna:

> [...] um registro e uma celebração da vida de uma civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causa das culturas de que participam”. (DEWEY, 2010, p. 551).

Desta forma, entende-se que somos seres culturais e que os nossos pensamentos e nossas ações são mediadas pelas nossas vivência sociais. Através das imagens abaixo, exemplificamos a cultura japonesa no Brasil e no Japão, nota-se que a cultura do povo japonês é preservada pelos seus descendentes.

5. Percepções e o Flanar

A presença da arte na cidade se apresenta através da ação humana e marca o cenário cultural da rotina de seus habitantes, no modo de vida e nas relações sociais de natureza urbana. Os conhecimentos e valores culturais são, ao mesmo tempo, determinados e determinantes dos significados de uma época e sociedade.

> A configuração das cidades seria outra caso usássemos nosso *corpo-andante* de outro jeito. *Flanar, vagar, derivar, errar* configuram-se como motores para pensarmos para além da arquitetura sedimentada, desviando-nos para perseguir a possibilidade de uma cidade performativa. Trata-se do deambular como arquitetura da paisagem, do caminhar como forma de arte autônoma, ato primário de transformação simbólica do território, instrumento estético de conhecimento e modificação física do espaço "atravessado" que se converte em "intervenção urbana" (AMARAL, 2013 p.2).

Devemos passar a ver a cidade não em sua forma ou função, mas na maneira como as pessoas que nela vivem a compreendem e principalmente a representam.

> As três propriedades mais recorrentes das errâncias – se perder, lentidão, corporeidade – estão intimamente relacionadas, e remetem a própria ação, ou seja, a prática ou experiência do espaço urbano. O errante urbano se relaciona com a cidade, a experimenta, e este ato de se relacionar com a cidade implica nesta corporeidade própria, advinda da relação entre seu próprio corpo físico e o corpo urbano que se dá no momento da desterritorialização lenta da errância. Para resumir pode-se dizer que o errante faz seu elogio à experiência principalmente através da desterritorialização do ato de se perder, da qualidade lenta de seu movimento e da determinação de sua corporeidade. As três propriedades poderiam ser consideradas como resistências ou críticas ao pensamento hegemônico contemporâneo do urbanismo que ainda busca uma certa orientação (principalmente através do excesso de informação), rapidez (ou aceleração) e, sobretudo, uma redução da experiência e presença física (através das novas tecnologias de comunicação e transporte) (AMARAL, 2013 p. 5).

A música pode representar social e imaginariamente a cidade. Nós devemos estar abertos para sentir o cheiro do ambiente, o som do canto dos pássaros, dos carros, trens e outras características sonoras que destaquem certas peculiaridades da cidade.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 Apresentação do projeto junto aos educadores

O primeiro momento nos foi muito proveitoso pois levamos ao conhecimento dos educadores a importância e a finalidade deste projeto, os docentes mostraram-se entusiasmados e dispostos a colaborarem casoo necessário. Contamos com a ajuda do Professor Edson Plath, Diretor do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont de Apucarana, que se dispôs a providenciar os materiais necessários. Neste momento selecionamos em acordo com os demais educadores, os alunos indicados a participarem do projeto.

6.2 Apresentação do projeto aos alunos e conceituação de Cidade

Antes de iniciar esta intervenção, os alunos aprenderam a fazer um portfólio, onde tiveram acesso a registros visuais como vídeos, fotos e textos. Foram formuladas perguntas que estimulassem a exploração do tema, por isso promoveu-se o diálogo fazendo com que o aluno contribuísse com suas ideias e ações no desenvolvimento do trabalho. Fora enfatizado a necessidade de documentação, através do registro escrito e ilustrado, a gravação; a captura de imagens; os sons; em diários que se tornaram portfólios do desenvolvimento individual e coletivo, e se observou o desenvolvimento da percepção através do trabalho.

Para esta intervenção, fora utilizado o texto "A cidade como espaço de possibilidades educativas: seus lugares, seus habitantes, seus ofícios, sua cultura". Trabalhamos conceituando a cidade com o uso do texto e de imagens históricas de Apucarana, para que o aluno observasse e adequasse sua percepção visual.

Ao discutir a escola como parte da cidade, solicitamos aos alunos que fizessem um mapeamento da localização da escola no bairro, conectando-a com outras áreas mais abrangentes. Por exemplo, o Colégio Estadual Alberto Santos Dumont fica na parte central da cidade de Apucarana, em frente ao

prédio da Prefeitura Municipal, esperava-se que os alunos associassem as principais localidades ao redor da escola, como de fato ocorreu.

Ao mesmo tempo, temos como desafio a construção de um olhar diferenciado, como quem acaba de nascer para o mundo. Gosto de repensar este momento como se uma pessoa cega voltasse a enxergar, onde os alunos passam a ver a cidade construída ao longo dos tempos, cuja história é formada por seus habitantes, ofícios, cultura, enfatizando que a cidade é feita pelas mãos daqueles que a constroem.Com isso apresentamos a eles as seguintes imagens:

Vista aérea da cidade no começo da década de 1960

Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

Vista aérea da cidade no final da década de 1960

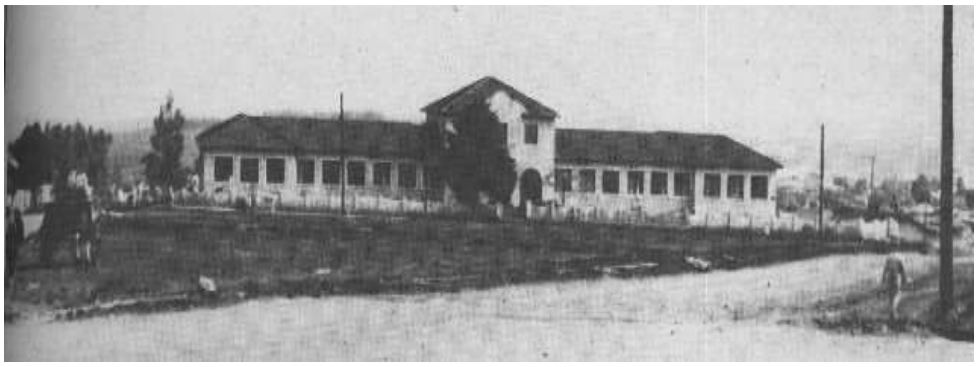
Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

Vista aérea da cidade atualmente

Fonte: http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=717118&highlight=paran%E1

Com olhares admirados, os alunos puderam perceber a mudança histórica que ocorreu na cidade, e a partir disto destacamos a eles a mudança ocorrida também nas mediações do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont, hoje, considerado patrimônio histórico da cidade.

Colégio Estadual Alberto Santos Dumont em 1943



Fonte:http://www.apusantosdumont.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo

Colégio Estadual Alberto Santos Dumont atualmente

Fonte:http://www.apusantosdumont.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo

Após esta apresentação fora indagado aos alunos as seguintes questões:

- *O que você sabe sobre a cidade onde mora? O que caracteriza a sua cidade? Quais são os pontos da cidade que você destaca?Como você descreveria sua cidade para alguém que não a conhece?*

Entre as respostas encontradas nos portfólios, as que mais se destacaram foram:

"Sei que é a capital do boné"

"Tem uma praça enorme com um monte de chafariz"

"Ela tem o parque da Redenção, da Bíblia e o Santo Expedito"

"A padroeira é Nossa Senhora de Lourdes".

"Nossa cidade é muito bonita, é depois de Arapongas e tem o bonezão na entrada".

6.3 Conceituação de Cultura Visual

O conceito de cultura visual foi explanado aos alunos no terceiro encontro e a atividade proposta nesta intervenção foi para que os mesmos relatassem as atividades culturais presentes em sua cidade e em seu bairro e as registrassem no portfólio. As respostas enfatizadas foram:

"Festa da Cerejeira" – ocorrida na região da Vila São Carlos

"Festa do Café – ocorrida no distrito de Pirapó

"Porco no tacho" – distrito Caixa de São Pedro

6.4 Filme "O Som do Coração"

A sinopse do filme traz Evan, garoto criado em um orfanato e possui um dom musical impressionante. Ele é o fruto do encontro apaixonado da violoncelista Lyla e do roqueiro Louis, que foram tragicamente separados pelo pai da garota. Cada um seguiu seu caminho, sem saber que Evan estava vivo, e com a única certeza de que haviam sido feitos um para o outro. Evan, em seu coração, nunca perdeu a esperança de encontrar seus pais. Em sua incrível busca, ele foge para Nova York, onde recebe a ajuda do "Mago", um

empresário de rua. Uma história comovente, sobre a magia da música e o poder do amor. Este filme fora apresentado aos alunos com o intuito de aguçar a percepção sonora deles e para que assim, pudessem estabelecer a sonoridade encontrada na região a qual percorriam de casa para a escola, os resultados foram: barulho de relógio, trator, ônibus, passarinho cantando, vento nas árvores, secador, bateria.

6.5 Quarto e Quinto encontro: Análise das Captações

Nestes encontros foram analisadas a captação sonora realizada pelos alunos e os mesmos ficaram livres para a filmagem através de celulares ou câmeras fotográficas do percurso realizado pelo aluno desde sua casa até a escola.

6.6 Sexto encontro: Instruções de Edição

Ocorreram as análises das filmagens realizadas pelos alunos, e iniciou-se o processo de orientação e edição no programa movie-maker, os alunos receberam instruções de montagem de vídeos com edição de vídeo, imagens e sons.

6.7 Sétimo Encontro: Edição de Som e Imagem

Momento destinado à realização de edição de som e imagem através do programa movie-maker pelos alunos. Este foi um momento de grande participação por eles, e foi além de tudo enriquecedor, pois fora compreendido que nosso objetivo estava sendo cumprido.

6.8 Oitavo encontro: Compartilhando as Culturas

Todos os alunos participantes viram os vídeos uns dos outros. Através da visualização, os alunos mostraram o seu modo de ver a cidade e o percurso que fazem até a escola. Após verem os vídeos uns dos outros, os alunos fizeram uma apresentação explanada do portfólio, demonstrando curiosidades, dificuldades e aprendizagens ocorridas durante os encontros

6.9 Grupo de Trabalho em Rede (GTR)

Em relação aos educadores que participaram do GTR, quatro sínteses foram apresentadas a eles, a primeira, tratou o cinema como mediador na educação da cultura visual, a segunda concerniu na linguagem do vídeo na educação pelas artes visuais, a terceira explanou a força do som e da imagem no processo educacional, e a última, tratou sobre a poluição visual e sonora, a sensibilidade e criticidade dos sons. As falas, aqui representadas pelos participantes como P1, P2, P3, P4, que se destacaram durante o curso foram:

"A sociedade vem sofrendo transformações que se refletem diretamente na vida e educação de crianças e adolescentes. Tais transformações se espalham de forma quase simultânea por todo o mundo por diversos mecanismos tecnológicos criando novos ambientes educacionais que não sejam exatamente o espaço escolar, demonstrando que a escola já não é mais o único local de aprendizagem e nem o professor o único detentor do conhecimento ou informação. Sendo assim, vê-se a necessidade de mudanças e ações pedagógicas associadas aos muitos canais de comunicação existentes no cotidiano dos alunos, dentre os quais se inclui o cinema" (P1).

"A utilização do vídeo e das novas tecnologias como instrumentos para o ensino da arte, oferece subsídios e possibilidades para a apresentação de vários conteúdos relevantes, uma vez que podem contemplar as imagens bidimensionais e tridimensionais, além do áudio e de possíveis legendas com informações importantes. As tenologias fazem parte do cotidiano da maioria dos educandos, os quais as utilizam diariamente, porém sem nenhum critério ou orientação. Cabe ao professor, direcionar a sua utilização de forma pedagógica, colaborando desta forma para a aprendizagem"(P2).

"Leila, ao dar início a leitura de seu projeto me veio a tona a reflexão de que muito se fala em indisciplina, desinteresse dos alunos, e muito também se tem refletido sobre o tema, com grandes polêmicas, discussões infindáveis, anseios e perturbações para todo o coletivo escolar, já não sabemos mais quem são os culpados, se na verdade existe culpados! E no percurso da viagem da minha mente acreditei que seu projeto seja um meio eficaz em muitos quesitos que desassossegam o ambiente escola, acho extremamente viável e importante a implementação de seu projeto nas escolas públicas, visto que, trata-se de assuntos familiares, peculiares ao meio social em que vive, valoriza a cultura regional e talvez até a pessoal, aprimora valores, possibilita a transformação e enriquecimentos de saberes, de forma prazerosa, contemporânea e divertida. Parabéns pelo seu trabalho, e espero que em sua implementação colha bons frutos" (P3).

"Por tratar-se de uma ferramenta que aguça os sentidos da visão e da audição, além de despertar a imaginação e a criatividade, a sétima arte tem a vantagem de poder ser trabalhada nas mais diversas formas ou temas imagináveis, sejam elas de conteúdos técnicos, históricos ou imaginários. Talvez por ser um cinéfilo explícito e estar sempre fascinado de como se pode aprender muito da vida com as telas, porém sempre muito consciente de não deixar este gosto pela arte virar vício ou entrar em devaneios fugindo dos temas principais durante as aulas, eu tenha esta forma de pensamento. Mesmo antes de atuar em salas de aula sempre acreditei que o Cinema fosse uma das melhores formas lúdicas para serem utilizadas em salas de aula" (P4).

Por tratar-se de educadores, suas considerações acerca deste projeto foram enriquecedoras e profissionalmente plausíveis, tanto pela participação de todos, quanto por suas colocações de elogios ao projeto.

7. CONCLUSÃO

O público alvo veio de esferas culturais diferenciadas devido a instituição escolar abrigar várias regiões da cidade. Não podemos negar que os aspectos sócio-culturais interfiram na maneira como esses alunos veem a cidade, porém é esta diversidade de olhares que enriqueceu ainda mais este trabalho. Foi possível, através dele perceber o quão cheios de ideias e imaginação nossos alunos são.

Durante as oficinas os alunos mostraram-se interessados e participativos, a maioria mostrou ter habilidade com a filmagem pelo celular e os ambientes retratados no caminho de casa à escola nos proporcionou ver diferentes realidades sociais e culturais. Cada um, a sua maneira, conseguiu transpassar uma visão diferenciada sobre o conceito de cidade ao qual estavam convivendo e ao qual passaram a perceber após as oficinas e a gravação do vídeo. Podemos dizer, sem sombra de dúvidas que a sensibilidade, a criticidade e a forma de ver a cidade à qual estão inseridos, mudou, e era essa, a transformação a qual tanto esperávamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. **Coletivo expandido: flanar, vagar, derivar, errar. Quando o encontro se transforma em corpo coletivo, corpo andante.** Disponível em: http://webartes.dominiotemporario.com/performancecorpopolitica/textes%20pdf/coletivo%20expandido%20flanar,%20vagar,%20derivar,%20errar%20lilian%20amaral.pdf Acesso em: 20 de Outubro de 2010.

BRAGA, R.; CARVALHO, P. F. de. **Cidade: espaço da cidadania.** Disponível em:http://redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidade%20espa%C3%A7o%20da%20cidadania%20rbraga11.pdf Acesso em 20 de Outubro de 2013.

BARBOSA, A. M.(org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

BOTO, C. **A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dezembro 2003

DAYRELL, J.T. **A escola como espaço sócio-cultural.** Disponível em: <http://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espa%C3%A7o-socio-cultural.pdf > Acesso em: 17 de Junho de 2013.

DEWEY, J.; BOYDSTON, J. A.; KAPLAN, A. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010. 646 p. (Coleção todas as artes).

GUIMARÃES, L. M. B. de (org.); CAMPELLO, S. M. C. R. (org.); **Módulo de Estágio Supervisionado 2 de Licenciatura em Artes Visuais.** Brasília: LGE, 2010.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político. Mapeando o pós-moderno.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROSA, A. N. da; OLIVEIRA, M. O. de. **A imagem cinematográfica e a construção da subjetividade do professor em formação inicial em artes visuais.** 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais- 21 a 26/09/2009 – Salvador, Bahia.

XAVIER, I. **Um cinema que "educa" é um cinema que (nos) faz pensar.** Educação e Realidade v.33(1) Jan/Jun 2008 p. 13-20.